

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

M. Santos é um brilhante filólogo que no Jornal de Notícias mantém uma secção «FALAR PALAVRAS», muito lida e mais ainda consultada. Trata-se por assim dizer de um consultório de palavras a quem os consulentes apresentam perguntas e que o responsável pela secção selecciona e depois responde com uma gama de conhecimentos que nós achamos notável.

Pois há dias um conterrâneo nosso, J.H.N. assim se identificou, inquiriu junto de M. Santos sobre os gentílicos FANGUEIRO e FÃOZENSE. Pareceu-nos muito oportuno esta inquirição do nosso conterrâneo e nós com a respectiva vénia e com muito agrado, vamos aqui reproduzir o substancial da resposta que ao tema foi dado pelo prestigioso lexicógrafo. Antes, porém, cumpre-nos dizer que pelas leituras dos jornais antigos de Fão e de Esposende quis-nos parecer que antigamente, início do século, o termo FÃOZENSE era tão ou mais usado que o termo Fangueiro. Na segunda metade do século XX o termo FANGUEIRO passou a ser mais usado e, curiosamente, quando na década de cinquenta, altura em que apareceu o jornal O FANGUEIRO, passou a verificar-se esta subtil nance: os adeptos do jornal utilizavam correntemente o termo FANGUEIRO na linguagem escrita e falada; ao contrário, os seus fervorosos inimigos (que os tinha) por inconsciente «revanche» preferenciavam o termo FÃOZENSE.

Fangueiros ou Fãozenses?

Mas vamos ao repto de M. Santos. Ele começa por citar o vol. II dos «Topónimos e gentílicos» e reproduz a parte que diz respeito ao nome da nossa terra:

«FÃO — Povoação costeira do concelho de Esposende, tem uma designação que, para Leite de Vasconcelos, é «um representante da religião dos nossos maiores, pois corresponde perfeitamente, quanto à fonética, ao latim fanum, santuário; o sentido também não se opõe, porque no nosso onomástico há muitos nomes semelhantes; o onomástico italiano apresenta a forma paralela Fano, que provém da antiga «fanun fortunae». É, todavia, de notar que para outros autores Fão é palavra que liga ao grego pba-

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Capitão Jorge das Neves Larcher

Não nos recorda termos visto alguma vez na nossa terra o capitão Jorge Larcher muito embora, em 1938, os jornais do concelho já assinalem a sua presença. Foi uma das muitas festas a que a reduzida colónia balnear se dedicava para gáudio do banhista e entretenimento dos íncoles locais.

Dessa feita foi um fogo preso que o tenente Faria, hóspede habitual do Antonino Borda, ofereceu. Eurico Soucasoux, de Barcelos (a presença de barcelenses era então significativa) trouxe a sua cabine sonora. Presidiu a tudo — diz-nos o Cávado de 4-9-38 — o cientista Santos Júnior, auxiliado pelo cap. Larcher e pelo escrivão Machado. Foi uma festa de arromba que meteu discursos, corridas de sacos e de bicicletas durante a tarde; à noite realizou-se o tal fogo preso que foi «pouco mas bom». Do discurso proferido por Eurico Soucasoux respigámos: «Toda a peixaria abre filas para deixar passar uma enguia que sai dos alicerces do cais, em torçcolos, esgueirando-se, alicerces estes que deviam ter sido dum desses castelos cheios de sonhos e de lendas descritas pelos cap. Larcher. Pára e num monossílabo suave faz medidas de simpatia a sua Ex.a que no Primeiro de Janeiro em pineladas felizes tem publicado linda aguarela de Fão».

Repára-se na ênfase com que o noticiariasta destaca a personalidade do nosso perfil de hoje.



Com efeito o cap. Larcher era um grande entusiasta da história, das belezas e da singularidade da nossa terra. Arqueólogo, historiador e etnógrafo tinha publicado já vários opúsculos tais como *O Sofrimento, A Instrução e a Educação, Monumentos de Portugal*,

(Continua na página 2)

Jubiléu sacerdotal do P.e Dr. Manuel de Faria Borda



Fazer 50 anos de idade é uma data que se aprecia. Comemorar 50 anos de vida sacerdotal é um acontecimento que se exalta e quando essa vida de sacerdócio é preenchida com um currículo musical invulgar, o acontecimento ultrapassa a zona do individual para atingir um âmbito colectivo.

Pois foram os 50 anos de sacerdote do rev.º Manuel de Faria Borda que a vila de Fão comemorou no domingo passado. Pianista renomado, compositor caborioso e apreciado, o P.º Borda ao tempo que ensinava no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, criou aí um agrupamento coral, os Pequenos Cantores da Imaculada, cujas actuações chamaram vivamente a atenção da imprensa especializada da altura. Foi mais tarde professor do Ciclo Preparatório, nunca deixando de compor e intervir musicalmente em festivais artísticos e em outras festas religiosas. Criou ainda e mantém o Grupo Coral da Matriz em Fão que constitui hoje um dos melhores coros paroquiais de diocese de Braga e que apareceu já na televisão em duas missas dominicais.

As comemorações do jubileu iniciaram-se

(Continua na página 4)

Capitão Jorge

(Continuado da página 1)

Mosteiro da Batalha, o Templo da Pátria, Castelos de Portugal-1.º e 2.º volumes, entre outros. O seu grande amor a esta terra carregada de tradições históricas, como ele afirmava, levou-o a publicar em atraente folhetim no «O Barcelense» uma Monografia de Fão, trabalho este que o Grupo dos Amigos de Fão editou em 1948. Ainda sob o seu impulso foi criado em 1938 o Grupo de Amigos de Fão cuja finalidade era «promover o desenvolvimento da localidade e da sua praia em completa concordância e colaboração com as autoridades locais concelhias e distritais, bem como procurar suavizar a situação da sua pobreza e a vida dos seus organismos de assistência, defesa e recreativos».

Informamos a propósito que a 1.ª Direcção ficou constituída: Presidente — cap. Jorge das Neves Larcher; Vice-Presidente — Doutor Joaquim dos Santos Júnior; 1.º Secret. — Álvaro Machado; 2.º Secret. — Dr. Franklim Nunes; Tes. — Dr. Sampaio e Castro.

A actividade do cap. Larcher não se limitou contudo a movimentar, atrair e a enraizar os veranistas de Agosto e Setembro. Ele «entrou» dentro de Fão, passou a viver os seus problemas e a encontrar a solução para alguns. Assim, devido ao prestígio de que disfrutava e a insistentes petições, conseguiu junto da Comissão de Melhoramentos Urbanos a verba necessária para o calçamento das ruas cujos pedidos estavam encalhados, v. g. a estrada da Bonança, hoje portando o seu nome. Devido a diligências suas, foi iniciado o repovoamento silvícola das dunas da beira-mar do concelho. Esteve na base da vinda a Fão de engenheiros especializados para efectuarem novos estudos sobre o pretendido porto de abrigo dos Cavalos de Fão, bem como para verificarem o estado de conservação da barra e ainda apreciarem o projecto de abastecimento de água a Fão e a outras freguesias do concelho. Solicitou e obteve verbas para o Hospital-Asilo, Salão de catequese, Escolas Primárias e Bombeiros. Ao fim de muito trabalho conseguiu que fosse aqui inaugurada uma sub-delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Realizou e incentivou muitas festas em favor da pobreza local e dos Bombeiros. EM 16-9-1939 sob a égide dos Amigos de Fão de que era incansável presidente foi levada à cena no Salão da Catequese o espectáculo *Fão à Vista* que proporcionou a receita de esc.: 930\$00 que teve a seguinte aplicação:

180\$00 foram para obras da catequese.

750\$00 seriam distribuídos em géneros por 50 pobres à razão de esc. 15\$00 por cada um.

Já no início da década de quarenta, o seu periclitante estado de saúde agravou-se mas ainda assim procurava atender todos quantos a ele se dirigiam. Morreu por essa altura sem que conseguíssemos fixar a data exacta do seu falecimento em qualquer dos jornais da época.

Em 12 de Agosto de 1945 oi descerrada uma placa com o seu nome em homenagem conjunta da Junta, Pároco e outras individualidades. Ainda bem que a terra não deixou desaparecer no olvido do tempo um homem que encarnou ao mesmo e exemplarmente o papel de filho adoptivo da terra, de animadora colónia balnear, e propagandista e historiador de Fão.

EDITORIAL

(Continuado da página 1)

nos, farol, enquanto por sua vez houve também quem pretendesse aproximar o mesmo topónimo de Fain ou Fains, nomes de localidades francesas, provindos do franco fanini, pântano. J. Piel, porém, firmado em vários argumentos, não aceitou nada disto, inclinando-se a relacionar Fão com Fano, nome langobardo (gótico fana; antigo alemão, Fano; moderno, Fabne, bandeira).

«Regresso à carta do prezado leitões e nela vejo que, sabendo que fangueiro vem de fanga — medida antiga para cereais e sal — e que fangueiro «será todo aquele que vendeu ou mediou aqueles produtos com uma fanga», acha que «fangueiros deve ter havido muitos por esse país fora, porque, então, só os de Fão serem fangueiros?»

Não lhe saberei responder directamente a esta pergunta. Mas vou seguir este raciocínio:

Quantas cidades portuárias há em Portugal? Várias. Mas Porto só há um.

Quantas cidades desempenharam o papel de guarda das fronteiras? Várias. Mas Guarda só há uma.

Quantas vilas foram fundadas pelos reis de Portugal, assim merecendo o nome de reais? Várias. Mas Vila Real só há uma, a minha e mais nenhuma. (A outra é de Santo António).

O dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, do dr. José Pedro Machado, a mais recente obra sobre este assunto (que absorveu, portanto, muitas das anteriores) não diz qual o étimo de fangueiro (também regista fãozense, de ambas dizendo o mesmo: Os habitantes de Fão).

Sou levado a pensar que fangueiro resulta de uma etimologia popular; Fão não terá que ver com fanga, mas o povo, esquecida a origem do topónimo Fão, ao formar o respectivo genúlico, aproximou-o de palavra foneticamente parecida, embora semanticamente sem qualquer relação.

(Não será bem o caso de Chaves — já o citei aqui algumas vezes, mas sempre que vier a propósito não me dispensarei de o cá trazer — mas sendo o seu étimo Flavius (do Topónimo Aquis Flavius), de que temos o genúlico flaviense, no seu brasão apareem chaves desenhadas).

Lembro-me de o meu saudoso professor de Latim, o dr. Pinto Soares (a quem tantos desgostos dei, bem me arrepiei depois, quando me tocou a vez de andar na triste vida do ensino, por tudo o que lhe fiz passar... cá se fazem, cá se pagam), lembro-me de ele nos ter dito que a certa localidade de nome Nossa Senhora de Guadalupe, o povo chamava Nossa Senhora de Augadelupe, por «pensar» que o topónimo estaria relacionado com «auga» — água.

Há quem chama a Entre-os-Rios: entramblos-Rios).

(E um dia que lá fomos a uma almoçadeira — era eu professor na povoação de Varzim, vai para trinta anos não tarda nada — ouvi o gozão do dr. L. Amaro de Oliveira chamar-lhe, declamatoriamente, Mesopotâmia... Pois Mesopotâmia o que é, senão terra entre rios: o Tigre e o Eufrates?)

Quantas mais terras haverá situadas entre dois rios? E só um foi Mesopotâmia, e só uma é Entre-os-Rios (e Linda que ela é).

Por nossa parte acrescentamos que o P.e Jerónimo Chaves defendia a tese de que a palavra FÃO não tem razão de ser mas sim FAM e em consequência nem se deveria dizer FÃOZENSE nem FANGUEIRO mas sim FAMENSE.

Do Canadá

Vindo do Canadá, onde estive de visita a sua filha durante três meses, juntamente com a Esposa, já se encontra em Fão o nosso prezado assinante José de Sá Pereira. Folgamos em tê-lo no nosso meio pois o amigo Zé é o grande animador (leia-se crítico) da tertúlia do Zé Barbeiro. Nada escapa ao seu olhar de lince e até o nosso jornal tem levado as suas farpas. «Eu cá sou assim»...

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

O Mundo em que vivemos

A MORTE ESTAVA LÁ

A notícia fez estremecer de horror todo o país. A época carnavalesca, época de folia e de brincadeiras, ficou este ano marcada por uma das maiores tragédias de que há memória, dentro do seu género, em terras de Portugal.

A Leonor, uma jovem que vivia em Pombal, fazia 23 anos no Domingo de Carnaval. Resolveu convidar alguns amigos para uma festazinha íntima: dois pares de namorados — a Isabel e o Luís Miguel, e a Maria do Céu e o José. As idades destes jovens oscilavam entre 17 e 24 anos.

Mas convidou ainda mais alguém: um empregado bancário, o Vítor Jorge, bastante mais velho, de 39 anos, casado e pai de três filhos. Talvez se possa explicar este convite pelo facto de ele ser um hábil fotógrafo amador, muito solicitado para fotografar festas: baptizados, aniversários, etc.

Só que a Leonor não sabia que, ao convidá-lo, era a própria Morte que convidava, e foi esta que se sentou à mesa da sua festa de aniversário, sob uma aparência inofensiva e normal.

E foi ainda a Morte que, depois, ofereceu boleia aos cinco jovens, para o qual não regressariam nunca mais.

O fotógrafo amador transformou-se num assassino implacável que, logrando separar os jovens uns dos outros — não se sabe ainda como pois o processo está em segredo da Justiça — os abateu friamente: a Leonor, a Isabel, o Luís Miguel e o José, a tiro; a Maria do Céu... à paulada!

Na praia do Osso da Baleia, até então uma praia vulgar, sem história, ficavam espalhados, em macabro espectáculo, quatro corpos jovens, momentos antes estuantes de vida e de alegria. Faltava, porém, o cadáver da Isabel; os dias passavam e ninguém, nem o próprio assassino, sabia dizer do paradeiro do corpo jovem. Só ao fim de 11 longos dias, é que o mar o devolveu à terra.

Mas a tragédia não tinha chegado ao fim: dirigindo-se, em seguida, a casa, atraíu a esposa a um pinhal, pretextando ter tido um acidente, e esfaqueou-a até à morte; depois atraíu a filha mais velha, Anabela, de 16 anos, matando-a também à facada. Preparava-se para fazer o mesmo à outra filha, Sandra, de 14 anos, mas esta conseguiu libertar-se das mãos do pai, e correu a dar o alarme.

Em casa, numa casa nova e bonita, que parecia feita para albergar felicidade, dormia serenamente, alheio a todo o drama, o filho mais novo, de 9 anos apenas.

Depois de tudo consumado, o Vítor Jorge teve ainda a presença de espírito necessária para ir a casa trocar a roupa ensanguentada por outra limpa, e escrever mais uma página do seu diário, ao qual chamou «Diário de um Louco», e que enviou a um jornal lisboeta. Só então se pôs em fuga.

Pela leitura desse diário, vê-se que o autor tinha planeado vários outros assassinios, atribuindo-se o papel de «justiceiro», que castigava com a morte «a droga e a corrupção».

Organizou-se uma verdadeira caça ao homem, dado o perigo que representava tal indivíduo andar à solta. Foi encontrado passados dias, debilitado e ferido, num palheiro anexo à casa de seus avós, onde brincara em criança.

Preso e internado em estabelecimento hospitalar, está já recuperado, e já fez, até, perante o Juiz de Instrução, areconstituição dos seus crimes.

Que pensar desta carnificina? Psicopatia? Perversidade? Não sabemos. Os tribunais o dirão.

O que sabemos é que sete vidas foram ceifadas. Sete pessoas, quase todas jovens, foram a enterrar. A Maria do Céu e o José, dois caixões na mesma cova. Juntos na vida, que a morte os não separasse. E para que o Luís Miguel e a Isabel dormissem também juntos o último sono, a sepultura do infeliz moço ficou em aberto, só com o caixão dele, aguardando o da namorada, cujo corpo tardava a aparecer. Só apareceria 11 dias mais tarde, já em decomposição.

A terminar, queríamos apenas deixar aqui uma palavra de compreensão para a dor sem remédio das famílias das vítimas.

Especialmente para os familiares da inditosa Isabel, cujo sofrimento foi agravado pela demora no aparecimento do cadáver da jovem.

É que durante esses penosos 11 dias, folhas negada, até, a triste consolação de poderem chorar sobre a sua sepultura.

E. REAL

UM ABUSO DESCARADO

O nosso jornal publicou no seu número de Dezembro uma notícia onde se insurgia contra o levantamento de um edifício, ali atrás da Bonança, que entrava pelos fieiros dentro e se «pespalhava» num local que o bom senso aconselhava fosse isento de moradias.

Sensibilizada a Câmara obrigou à demolição de 4 metros da parte trazeira, medida esta que pretendeu acalmar uma certa irritabilidade local. Agora o pretenso dono do terreno começou a construir um muro pela parte de trás que abarca muito mais que o espaço demolido, sobretudo para sul. Vão lá e vejam: As dunas estão destruídas.

Já é desaforo! Será que alguém neste país tem autoridade para vender terrenos do domínio público marítimo?

E os fangueiros, alto lá com eles!... Tem

AUMENTE O SEU Colesterol!

Ora desta vez, além de ajudarmos o colesterol a subir mais um bocadito, vamos também «tratar» os que sofrem do fígado, com esta receitinha:

SARDINHAS DE CALDEIRADA

Tomam-se as sardinhas que se quiser, bem frescas, escamam-se, tirando-se-lhe as tripas, salpicam-se com sal e deixam-se repousar algum tempo.

A seguir põem-se numa caçarola, em camadas alternadas: uma camada de sardinhas, outra de rodas de cebola, dentes de alho, ramos de salsa e tomate em pedaços, e assim sucessivamente.

Por cima da última camada, deita-se azeite e pimenta em pó.

Leva-se a caçarola, tapada, a lume brando, agitando-se de vez em quando, até as sardinhas estarem cozidas.

E para merendar, aqui vai a receita do

BOLO FRANCÊS

Ovos — 6.

Açúcar — 250 gramas.

Fécula de batata — 125 gramas.

Levedura — 5 gramas.

Limão — o sumo de um limão inteiro e a raspa da casca de meio limão.

Batem-se muito bem, mas mesmo muito bem, as gemas, o açúcar e o sumo e raspa de limão.

Quando estiver tudo isto muito bem batido, vai-se acrescentando aos pouquinhos a fécula de batata, e bate-se tudo durante meia hora. Junta-se depois a levedura e por fim as claras batidas em castelo.

Via a forno brando, em forma untada com manteiga.

E pronto. Por hoje, já têm com que se entreter o colesterol. Esperemos que se mantenha entretido e satisfeito até ao próximo mês!...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

uma grande história!!! Ainda agora dão provas de grande destemor. Se não fosse esse destemor, essa ousadia, esse espírito de aventura, que outro povo se não o fangueiro ousaria desafiar as autoridades locais, e não só, e quebrar toda a vidraria das paragens de autocarros? Se não fosse essa sanha destruidora que outro povo se não o povo de Fão ousaria desafiar as autoridades deste país e inutilizar o telefone público da Av. Dr. Manuel Pais, esquecendo que aquela instalação telefónica pode acudir a tanta gente, quer de dia quer de noite? É preciso ter saga, ter unha não ter pavor como o falecido Geraldo para realizar tais façanhas!

Pois é deste povo, que assim se cobre dos crepes da heroicidade, que o tal proprietário se está borrifando. Ao destemor responde com o destemor. À ousadia responde com ousadia. É assim mesmo! E no final vai pôr concerteza uma tabuleta à porta cantando «Homenagem à estupidez do povo desta terra!...»

DO LADO DE LÁ DA PONTE

No rescaldo

No dia 8 de Março último foi eleita nova Mesa Administrativa, e restantes Órgãos Sociais, para a Santa Casa da Misericórdia, a quem competirá gerir os seus destinos até ao mês de Dezembro p.f., já que neste mesmo mês nova eleição se verificará para o triénio de 1988/90.

Dos factos que motivaram aquela eleição — intercalar — entendemos desnecessária qualquer alusão aos mesmos por demais conhecidos e, até, imerecedores que se lhes refira.

A nova Mesa eleita tem à sua frente di-



REFLEXÃO SOBRE A DROGA

ROTÁRIOS PROMOVEM SESSÃO

No dia 13 de Março, promovida pelos rotários de Esposende, realizou-se no Hotel Nélia uma sessão de esclarecimento sobre a droga que contou com a presença de três ex-drogados pertencentes à secção do Porto da Associação Internacional Le Patriarcho e que o Rotary Clube de Esposende, da presidência do incansável Manuel Silva, em tão boa hora trouxe às paragens do Cávado. Dizemos em tão boa hora porque hoje o mal da droga já campeia infelizmente nas freguesias mais avançadas do concelho e tudo o que se faça para alertar os jovens e os seus incautos paizinhos sobre as consequências da viciação da droga nunca será demais. Estavam ainda presentes muitos professores das escolas do concelho, os rotários locais, alguns párocos e bastantes jovens que era o que mais interessava.

Inteligente, portanto, esta actuação do

NOVA DOUTORA

Na Universidade Católica terminou o curso de Direito a nossa conterrânea dr.ª Eulália Maria Galfém Soares. Se a memória não nos atralçoa trata-se da primeira senhora fangueira a licenciar-se em direito, acontecimento que registamos com muito regozijo.

À nova doutora e aos felizes papás os nossos parabéns.

versos problemas para resolver, alguns de grande importância e responsabilidade.

Carece pois da maior tranquilidade para os enfrentar e resolver a contento dos interesses da santa Casa, tranquilidade essa que só lhe poderá advir de um ambiente de confiança e total apoio por parte de todos os Irmãos.

Creemos chegada a hora de cada um reflectir calmamente, providenciando dentro da esfera da sua acção para que os factos que motivaram aquela nova eleição se não repitam, porque a tal se verificar com a manutenção dos anteriores ambientes e atitudes destrutivas e irresponsáveis, uma certeza restará, que é a de que não serão os elementos que compõem a actual Mesa os lesados ou prejudicados, mas sim, a própria Instituição que, assim nos parece, deverá merecer de todos o maior dos respeitoos.

ARMINDO DUARTE

Manuel de Faria Borda

(Continuado da página 1)

com um sarau de coros sacros do Concelho, tendo comparecido igualmente o Grupo Coral da Rádio Renascença expressamente deslocada de Lisboa para se associar às comemorações.

No domingo houve na Matriz de Fão uma missa solene a que presidiu o Arcebispo de Braga.

Na homilia o consagrado orador sacro Monsenhor Alberto Rocha fez a apologia do sacerdócio e do P.º Manuel de Faria Borda. Também D. Eurico teve algumas palavras de louvor para com o homenageado.

Findas as cerimónias religiosas teve lugar no Hotel Ofir um lanto almoço a mais de 200 convivos. Houve alegria, algumas intervenções desse melodioso coral da Rádio Renascença e as inevitáveis canções fangueiras belamente entoadas pelos coralistas da Matriz. Houve também discursos. O primeiro que usou da palavra foi Francisco Neves da Comissão Organizadora, que justificou a razão das comemorações. Falaram de seguida o P.º Avelino Borda (fluente, baírrista, evocativo), o P.º João Caniço (Seren e admirador); o P.º Vilar, Pároco de Fão (muito objectivo); Luis Viana, Presidente da junta

de Fão (apologista); a Presidente da Câmara Prof.ª Laurentina Torres (com apreciações felizes e ajustadas); Abel da Costa (jogador aprendiz da sueca e poeta); o dr. Juiz José Ramos da Fonseca (amistoso) e ainda o dr.º Amadeu Cachim de Ilhavo que contou uma história curiosa ligada à industrial naval que em Fão já foi próspera. Há setenta anos seu pai, capitão da Marinha Mercante, veio para Fão supervisionar a feitura de dois barcos que aqui estavam a ser construídos pelo construtor naval José Dias Borda, pai do homenageado. Geraram-se laços entre as duas famílias (Borda e Cachim) e o capitão foi o padrinho do Manuel de Faria Borda. Anos mais tarde, a quando da sua missa nova, o P.º Borda quis de novo ser testemunhado pelo referido capitão Cachim. Este não pode vir e mandou o filho que agora decorridos tantos anos, precisamente cinquenta, veio assistir ao Jubileu do seu «afilhado». Como o tempo corre!

Naquele almoço não estavam tantos fangueiros quantos os que gostariam de estar presentes. O preço da inscrição era proibitivo. Em tais casos é aconselhável que se enseje à possibilidade de os conterrâneos poderem honrar quem deveras os tem honrado.

Em nosso entender a Comissão Organizadora deveria ter tido igualmente a preocupação de convidar a imprensa local e os representantes dos jornais diários. O rev.º Manuel Borda adquiriu hoje uma personalidade que ultrapassa o âmbito de um simples jornal da paróquia.

No que nos diz respeito, estivemos em todos os números do jubileu porque, como fangueiro quisemos homenagear um conterrâneo ilustre; como antigo aluno do P.º Borda há sempre uma imperecível gratidão que permanece.

Organizações Nélia comemoram o quadragésimo aniversário

A Nélia celebra este ano o quadragésimo aniversário. Para comemorar a efeméride, foi organizado um programa festivo que decorreu de 18 a 22 de Março com números apropriados que incluíram a edição de um opúsculo sobre Esposende da autoria do dr. Penteado Neiva.

Ao seu proprietário, Manuel Dias Ferreira, um verdadeiro *Self-mademan* e sua Esposa, Dulce Marques Ferreira, companheira abnegada, as nossas amigas saudações.

Rotary esposendense, pois dada a premência e a gravidade do tema, não se limitou a fazer mais uma reunião normal de palestra; ao contrário, abriu as portas de par em par, fez propaganda, motivou pais e filhos, contactou com os Professores e alunos e as suas diligências saldaram-se por um êxito clamoroso: naquela noite, no salão de Festas do Hotel Nélia, calculamos que estivessem a assistir à reunião cerca de 300 pessoas.

Houve intervenções aliciantes, a do Prof. Filomeno, da Póvoa de Varzim, por exemplo; houve expressivos depoimentos de dois ex-drogados que testemunharam adequadamente a acção recuperadora de Le Patriarcho, um organismo internacional que se dedica à recuperação de toxicómanos; houve enfim muitas perguntas e respostas, um diálogo permanente que autenticamente amarrrou aquela gente até à meia-noite, hora que só não foi ultrapassada porque ao outro dia havia trabalho para alguns.

A luta contra a droga é ciclópica. Muito dinheiro e organizações poderosas estão metidas de permeio. É preciso estar com os jovens, é preciso esclarecê-los e alertá-los, uma, duas, cem vezes. Insistir, insistir e insistir será a divisa.

Pelo trabalho realizado a favor da sua comunidade o Rotary Clube de Esposende merece justos encômios.

UM ADEUS QUE FICA...

Sabia do estado do Sérgio mendanha há já uns tempos mas, por comodismo ou por fuga a um fim evidente, actuei como se nada se passasse. Não sequer o procurei.

Hoje, 16 de Março, numa precoce tarde Primavera, vejo o Jornal, a Foto e a Notícia.

Vêem-me então à memória as palavras proferidas pelo Dr. Armando Saraiva, palavras preocupadas, carinhosas e amigas num encontro casual e também numa pequena conversa telefónica, sobre Sérgio mendanha.

Vem-me também à memória a sua imagem no Porto Atlântico, era eu ainda uma jovem. Mais tarde, nos encontros anuais de confraternização dos amigos de Fão e do Jornal «O Novo fangueiro»: um homem afável, alegre, de bom parecer amigo. Amigo da vida, isto é, que a respeitava e a queria com todas as forças. Mas as forças, têm o seu terminus, e, infelizmente, Mendanha deixou-nos.

Não lhe disse adeus. Talvez a vida exija de mim e de todos os que tiveram a alegria de o conhecer, que aqui deixemos um outro tipo de saudação: «Até Breve.»

M. ARLETTE S. F.

16/3/87

EVOCAÇÕES

toda a força os selos até a magoar seriamente, dizendo ao mesmo tempo:

— Dou-te tudo quanto queiras!...
— Então deixe-mé...

Logo que a largou, voltou-se de repente e principiou a dar-lhe com o bacalhau na cara dizendo: É para o «santinho» do teu Salazar! agora é para o Hitler! Toma também para o Mussolini!

Agora é para ti, meu cão! Tantas lhe

deu que ficou com o rabo do bacalhau a metade da espinha do meio na mão. Seguidamente fugiu, sem dar tempo a que o homem se refizesse das duras bacalhoadas!...

— Que tens cachopa? Estás a suar e com esse rabo de bacalhau e metade da espinha na mão...

— Olhe, tia Rita: E mostrando a primeira para um canto, mostrou-lhe os selos cheios de negras e o pescoço com sangue das chupadas do patife!...

— Há cachopa!... Porque não gritaste, que eu ia lá com esta faca de tirar as tripas aos Chicharros e às sardinhas e tirava-lhos fora?...

Logo se juntou uma, outra, e ainda mais outra.

— Que foi tia Rita? Que é que fizeram à Maria Rosa?

(CONT. NO PRÓX. NÚMERO)

Movimento Hospitalar

Movimento Hospitalar.

Intervenções — Otorrino, 170; Ortopedia, 17; Cirurgia geral, 243; Medicina, 54; Obstetrícia, 465.

Serviço de consultas — Clínica geral, 3491; Gastro, 49; Pediatria, 355; Cardiologia, 549; Ortopedia, 702; Otorrino, 1070; Estomatologia, 1000; Cir. geral, 458; Obstet., 1381; Urologia, 26; Dermatologia, 6.

FALECIMENTO

No dia 28 de Março foi sepultado no cemitério de Fão o dr. João Goulart de Bettencourt que foi notário em Paços de Ferreira.

O dr. Bettencourt era um velho frequentador da nossa terra e aparentado com uma das mais distintas famílias, a Família Oliveira Teixeira.

Paz à sua alma.



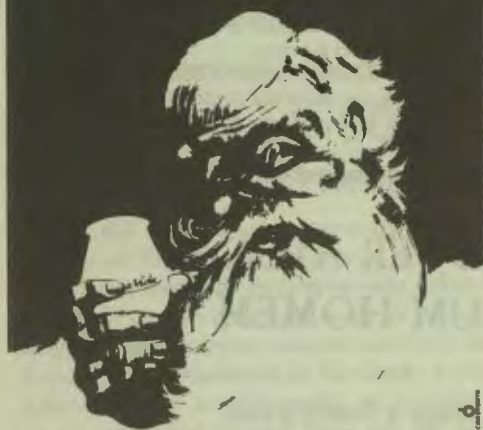
o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

PAGARAM AS ASSINATURAS

José Evangelista Pinto Azevedo, Barcelos, 500\$00; Carlos Maia, Fão, 500\$00; D. M.ª Manuela Mendonha Cruzinha, Lisboa, 1000\$00; D. M.ª do Carmo de Sousa Vaz Oliva, 500\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 500\$00; José António Matos Monteiro, Fão, 500\$00; José da Silva Guimarães, Fão, 500\$00; Dr. Jorge Alberto A. Pereira Areias, Porto, 500\$00; Benito Fernandes Esteves, Fão, 500\$00; Opitica Oliveira, Braga, 1000\$00; Aleixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 1000\$00; Joaquim Hernani Vinha Novais, Fão, 500\$00; Artur Sobral, Fão, 500\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 500\$00; Manuel Martins, Fão, 500\$00; Raúl Vaz Guedes, Fão, 1350\$00; Alberto Gomes Cardoso, Fão, 500\$00; Di Aélia Marta Pimenta C. B. Pinto, Porto, 500\$00; Manuel Parente Oliveira, Porto, 500\$00; D. Maria Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 500\$00; Valdemar Dias F. de Sousa, Fão, 1000\$00; Manuel Oliveira, Fão, 1000\$00; Dr. Pedro Manuel Carvalho de Matos, Fão, 500\$00; Reinaldo Portela de Carvalho, Fão, 1000\$00; António Domingues da Venda, Fão, 500\$00; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 500\$00; Adelino Campos Monteiro, Fão, 500\$00.

LongaVida



o que é bom da natureza

ÓPTICA *Oliveira*

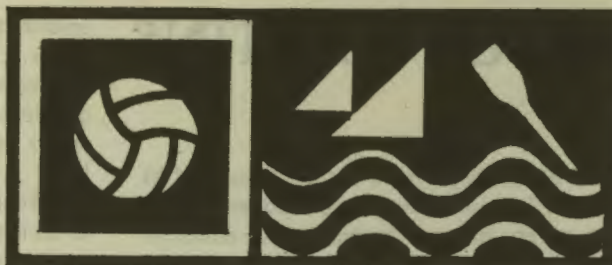
ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL
AZAL

DESPORTO



O FUTEBOL EM FÃO

Últimos resultados conseguidos pelo C. F. de Fão:

Ruivanense, 1 - Fão, 1; Fão, 4 - S. Cosme, 0; Ribeirão, 4 - Fão, 1.

Está em sétimo lugar o clube da nossa terra, portanto, acima do meio da tabela. O timão está a portar-se bem. A Direcção capita-

neada pelo Bernardino Vale tem trabalhado muito bem e o entusiasmo existe bem evidente á volta da equipa.

Sobre a ida a França: no dia 15 lá vamos. Vai tudo correr muito bem e estamos a ver que temos que fazer uma edição especial do nosso jornal para dizermos tintim por tintim como aconteceu tudo.

Au revoir.

Conversando...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Não sendo fangueira de nascimento, mas tendo raízes familiares muito profundas nesta terra tão prazenteira, encontro-me muitas vezes a meditar sobre tudo que lhe diz respeito.

Há dias tive que ir a Fão, e encantou-me o seu asseio, os seus jardinzinhos arranjados, uma ou outra casa em obras, algumas em fase de acabamento, etc., etc.

No entanto, há muitas coisas que me deixaram pensativa.

Como tive de apanhar a camioneta para regressar ao Porto, estive alguns minutos na garagem junto do Hospital.

Eram quase 7 horas da tarde. Quedei-me a observar o que me rodeava e vi na paragem junto ao salão paroquial vários gru-

pos de rapazes e raparigas em alegre e ameno convívio. Seriam uns 40 ou 50, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos. Os seus gestos eram ordeiros e isso veio despertar em mim uma esperança e um pensamento: Fão tem garantida uma sólida continuidade de sangue novo. Deus queira que esta juventude saiba honrar e dar prolongamento às tradições culturais fangueiras do princípio deste século.

Eu confio na mocidade de Fão.

Se há entre eles alguns tresmalhados (os que partem os vidros das paragens e arrancam as flores dos canteiros), a maioria tem a consciência do dever cívico, um amor muito grande à sua terra e a ambição de a ver crescer.

Uma terra é como um espelho!...

O seu aspecto reflecte quem vive nela.

Fão é uma terra linda. Mas precisa de mais, de muito mais.

Precisa de um forte avivamento cultural.

Não tem uma biblioteca própria. Não tem uma casa de espetáculos. Não tem um

rancho folclórico, não tem um grupo amador de teatro. Não tem um salão onde se possa fazer exposições, etc. Porquê? Falta de valores? Não acredito! Falta de incentivo? Talvez... Há sempre o problema monetário, é verdade... mas se não dermos os primeiros passos, se não nos debruçarmos sobre os problemas e se não dermos as mãos para os resolver, nunca se fará nada.

Espaços não faltam. Há dois clubes; há os bombeiros e um salão paroquial.

Há terras onde se dá o contrário. Têm tudo, menos onde trabalhar.

A terra tem valores e a prova está no bellissimo coro que a televisão apresentou.

Há filhos da terra (e não só) com bagagem suficiente para se ir muito mais longe.

Lembro-me que em 1970, se realizaram, a nível nacional, os 1.ºs Jogos Florais de Ofir. Eram de quadras populares. O seu sucesso foi tal que foram lidas aos microfones do Rádio de Moçambique as quadras premiadas.

Porque não se repetem? Bem sei que teve um patrocinador, mas isso talvez se arranjasse.

Sobre a biblioteca, sei que há uma ambulante. E se pedíssemos à Fundação Gulbenkian que nos desse apoio para instalarmos uma permanente em Fão?

Depois, tenho a certeza que muitos conterrâneos contribuíram com a suas ofertas.

Vamos pôr em prática estas ou outras ideias que venham a surgir!

A mocidade é generosa e tenho a esperança de que os jovens vão responder à chamada.

Ainda teria muito que dizer, mas vou ficar por aqui.

Hei-de voltar brevemente, se Deus quiser, para reforçar a nota...

E agora um pequeno poema dedicado aos novos:

*A ti, que és o esteio da Nação,
A sua força e sua plenitude...
Ergo-te no alto da montanha
Um pedestal, eterna juventude!*

Abril de 1987

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Dinis de Vilorelho
Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

COMANDANTE CARLOS MARTINS HOMENAGEADO

Como homenagem a toda uma vida dedicada aos Bombeiros de Esposende, o Comandante Carlos Martins foi distinguido no domingo, dia 29 de Fevereiro, com o crachat de



Ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses, por ocasião do 70.º aniversário dos Voluntários de Esposende.

Associando-se à homenagem, a Câmara de Esposende resolveu preitear igualmente a exemplar vida cívica do cidadão Prof. Carlos Martins, atribuindo o seu nome ao Largo dos Bombeiros.

Para finaliza a cerimónias que ocorreram no dia 29, realizou-se no Hotel Nélia um jantar de encerramento que teve a ilustrá-lo as presenças, entre outras do Ministro Oliveira Martins, filho do homenageado, e do Governador Civil de Braga, dr. Ribeiro da Silva.

De Fão compareceram a esse jantar 3 ou 4 pessoas que o fizeram sobretudo por solidariedade rotária. E foi pena que estivessem tão poucas. Na verdade o Prof. Carlos Martins merecia melhor da gente de Fão quando mais não fosse porque foi sob a sua égide, quando Presidente da Câmara, foi devido às suas demarches, à sua vontade tenaz que a terra de Fão foi elevada a vila.

Acontece ainda que o Prof. Carlos Martins gozava de verdadeiro carisma em Fão. Estamos a recordar as festas do 1.º de Dezembro às quais comparecia pontualmente, trazido muito embora pela mão amiga do Prof. Pio Rodrigues. Havia os recitativos, as canções tão belamente entoadas e que a Zinha aqui já narrou, mas o panto alto da festa era o momento da alocação de Carlos Martins. Com voz tonificante, inflamada, ele falava às turbas que o escutavam deleitadas. Ao outro dia os comentários não se faziam esperar. «Foi tudo muito bonito, as crianças cantaram muito bem, mas o Carlos Martins, que

belo discurso! Ele dava brilho, dava nível às festas. Tão grande era o seu prestígio que um dia um bombeiro desfardado tentou entrar no salão da Catequese, em Fão, para assistir a uma sessão de cinema que uma empresa ali realizava. Não tinha dinheiro ou não queria pagar e quando o atento porteiro lhe perguntou pelo bilhete, ele ageitou a gola da gabardine, adquiriu um porte altivo e com uma voz

enfaticada respondeu: «Carlos Martins à paisana». E entrou, lá isso entrou. O porteiro, porém, passado o efeito da surpresa, remirou aquele «espertoso» de alto a baixo e não vendo nele estofa de comandante, pô-lo cá fora.

O episódio, real sem dúvida, e que durantes semanas e meses fez parte do anedotário local, espelha a indiscutível popularidade de que o Comandante Carlos Martins, *double* de professor e bombeiro, gozava no meio.

Pois foi esse homem ilustre que os fangueiros tão facilmente esqueceram num dos dias mais festivos da sua vida.

EVOCAÇÕES

O «Ouro Negro» atenua a fome enquanto a guerra fustigar a humanidade...

Fão, foi teatro de algumas cenas, até hoje desconhecidas...

Estávamos em princípios da segunda guerra Mundial. O centro das discussões era no Club Faorense. Divergiam de tal maneira as opiniões, que nada faltava para se chegar a vias de facto...

De um lado, os que viviam dos seus largos rendimentos; do outro, os que arrastavam vida dura, com trabalho por vezes bem árduo. O povo espanhol acaba de ter eleições livres e elege um governo de esquerda. Três ditadores resolvem esmagar o legítimo governo da Espanha e com ele milhares de inocentes que nada tinham com a política!

Em Portugal, os géneros principiavam a escassar Bacalhau, açúcar e milho; só quem tivesse muito dinheiro conseguia alguma coisa pelo câmbio negro... Semelhante descalabro deve-se aos caminhões que passam para Espanha a altas horas da madrugada, carregados com os géneros que deviam ser dos Portugueses e para os Portugueses!...

Em Fão, já se trocava mão de obra por broa. A fábrica do senhor Albino Torres, já não vendia farinha. As pessoas que levavam o milho para moer não davam a maquina... Pagavam-na a dinheiro. O café era adoçado com rebuçados. O bacalhau não se podia comer; era intragável!...

Encarregada das compras de casa respeitável) era uma empregada que merece ser aqui enaltecida, quer pelos seus dotes de honestidade, quer pela elegância e beleza quase inigualável no concelho. Com verdade se pode dizer que se houvesse concurso de beleza, ela ficaria em primeiro lugar... Não correspondia a esses excepcionais predicados, o seu olhar castigador e seus gestos de braços musculosos...

Entrou no estabelecimento e reparou que o merceiro oferecia todas as boas graças a duas senhoras já de certa idade e lhe punha na mão, três embrulhos a cada...

No outro canto do balcão, estava uma menina de treze ou catorze anos.

Assim que as senhoras saíram, o merceiro fez a pergunta sacramental:

— Que queres, miúda?

— Um quilo, de farinha de pau, meio quilo de arroz e cento e cinquenta gramas de pingue.

— Pronto aqui está tudo; dá cá o dinheiro.

— Segunda-feira trago...

— Então, segunda-feira levava os géneros.

Pelas faces da menina correram lágrimas e sufocada saiu...

Nesse momento a indignação e o não esvaziaram toda a paciência da última cliente.

— E tu que queres, meu amorzinho?...

— Depois do que acabo de ver, devia abandonar esta mercearia; o senhor não tem coração porque a família dessa menina é gente muito séria e não consta que deva nada.

Você é um tirano; um aqitol!...

— Eu perdoou-te tudo; diz o que quiseres e se fores melguinha... O dinheiro que trazes é todo para ti...

— Não preciso do seu dinheiro para nada. Quero é que me sirva e cuidado porque os meus patrões disseram que o último bacalhau que levei era podre...

— Há!... os teus patrões também são dos vermelhos?... O «santinho», do Salazar, o Hitler e o Mussolini, vão dar cabo de todos os comunistas...

Entra, entra... Escolhes no saco e se nenhum te servir, tenho três pelxes bons que são para a minha família e dou-te um.

A rapariga entrou, principiava a tirar para fora do saco bacalhaus que cheiravam mal e a desfazerem-se. Até que lhe apareceu um melhorzinho... Quando de repente sentiu o «abutre» nas suas costas a chupar-lhe o pescoço e agarrando-lhe com

(Continua na página 6)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO